



O CUIDADO DE SI E AS TRÊS ECOLOGIAS: PROBLEMATIZANDO UMA FORMAÇÃO

THE SELF-CARE AND THE THREE ECOLOGIES: PROBLEMATIZING A TRAINING

EL CUIDADO DE SÍ Y LAS TRES ECOLOGÍAS: PROBLEMATIZANDO UNA FORMACIÓN

Ana Paula dos Santos Rivaroli¹
Roselaine Machado Albernaz²

Resumo: Este texto trata da formação de professores por um viés filosófico. A partir de dois conceitos, “o cuidado de si” e “as três ecologias”, criados pelo filósofos contemporâneos Michel Foucault e Félix Guattari, foi possível fazer aproximações e repensar a formação de alguns professores que buscam, numa filosofia prática, alternativas para enfrentar mudanças no cotidiano de suas vidas e na escola. A formação pensada é diferente da tradicional, mas está próxima a um processo contínuo de problematização de uma prática docente preocupada com questões que envolvem a vida, o cotidiano, a contemporaneidade, dando atenção às relações entre as pessoas, com o mundo e consigo. Essa formação dá-se por consequência de um processo ético-político-estético, característico dos conceitos filosóficos aqui tratados. Para desenvolver a escrita, foram utilizadas como referencial teórico as Filosofias da Diferença.

Palavras-chave: Cuidado de si. Ecosofia. Formação.

Abstract: This text is about teachers training through a philosophical bias. From two concepts, “the self-care” and “the three ecologies”, created by the contemporary’s philosophers Michel Foucault and Félix Guattari, it was possible to make approaches and rethink some teacher’s training who seek, in a philosophical practice, alternatives to face changes in their own daily lives and in the school. The training planed is different from the traditional one, but it is close to a continuous process of problematization of a teacher’s practice concerned with issues which involve life, daily life, contemporaneity, giving attention to relations among people, with the world and the self. This training occurs due to an ethic-political-esthetics process, characteristic of philosophical concepts here dealt. To develop writing, were used as theoretical background of the Philosophies of Difference.

Keywords: Self – care. Ecosophy. Training.

Resumen: Este texto trata de la formación de profesores por un sesgo filosófico. A partir de dos conceptos, “el cuidado de sí” y “las tres ecologías”, creados por los filósofos contemporâneos Michel Foucault y Félix Guattari, fue posible hacer aproximaciones y repensar la formación de algunos profesores que buscan, en una filosofía práctica, alternativas para enfrentar cambios en el cotidiano de sus vidas y en la escuela. La formación pensada es diferente de la tradicional, pero está próxima a un proceso continuo de problematización de una práctica docente preocupada por cuestiones que involucran la vida, el cotidiano, la contemporaneidad, dando atención a las relaciones entre las personas, con el mundo y consigo. Esta formación se da como consecuencia de un proceso ético-político-estético, característico de los conceptos filosóficos aquí tratados. Para desarrollar la escritura, fueron utilizadas como referencial teórico las Filosofías de la Diferencia.

Palabras-clave: Cuidado de sí. Ecosofía. Entrenamiento.

Envio 09/02/2018

Revisão 09/03/2018

Aceite 09/04/2018

¹Técnica em Química pelo IFSul, Bióloga pela Universidade Federal de Pelotas, Mestre em Educação e Tecnologia pelo IFSul. Instituição. E-mail: anapaularivaroli@yahoo.com.br

²Doutora em Educação Ambiental pela Universidade Federal do Rio Grande (2011). Professora IFSul, campus Pelotas. E-mail: rosealbernaz@gmail.com

Introdução

Quando falamos em formação, a primeira ideia que surge é aquela relacionada à educação formal, nos moldes tradicionais. Educação básica, graduação e pós-graduação, enfim, uma formação exclusivamente ligada às instituições de ensino, voltadas para o ensino e aprendizagem. Importa nesse sistema medir o quanto se aprendeu sobre determinado assunto, ignorando quaisquer outras formas de pensar. Uma formação “recipiente” (Guattari, 2013), que trata as pessoas como se fossem um frasco, o qual deve ser preenchido de informações. Torna-se interessante trazer aqui que esse tipo de formação está ligada ao pensamento representacional, dual, que tenta classificar as coisas em apenas dois polos que são opostos, como o bem ou o mal, o certo ou o errado. Porém, a velocidade das mudanças na sociedade contemporânea exige transformações nos modos de vida dos indivíduos, bem como na educação. A dualidade do pensamento representacional não é suficiente para combater nossos problemas. Necessitamos dos saberes científicos, mas somente eles não conseguem dar conta das incertezas do mundo contemporâneo, muito menos nos dão condições para fazermos uma crítica à atualidade.

A formação, na maioria das vezes, segue modelos normativos para a sua realização, preocupando-se com os currículos, planos de ensino, metodologias diferentes e avaliações. Dessa forma, não consegue dar suporte às questões que urgem nos dias atuais sobre as relações entre os indivíduos e o mundo. Essa realidade nos faz repensar na formação atual dos professores. A contemporaneidade solicita experimentações mais atentas ao sensível que nos habita. Assim, trazemos algumas indagações nesse texto para repensarmos nossa formação: de qual formação necessitamos? Aquela tradicional interessada em resultados quantitativos ou uma formação que está atenta ao mundo, ao outro e a “si mesmo”?

Jorge Larrosa (2012), em seus escritos, diz que a formação deve tomar outros caminhos. Ele propõe pensar a formação sem ter uma ideia prescritiva de seu desenvolvimento. Defende, ainda, ser possível a busca de algo novo para esse espaço tensionado na educação dominante. A noção de formação aqui tratada passa a ser entendida como uma produção de modos de ser e de saber. Este tipo de formação dá atenção aos processos de subjetivação que vão afetando os indivíduos. Entendemos que não cabe mais a ideia de formação de professores somente nos moldes tradicionais acadêmicos. A formação que desejamos atenta para os modos de produção



de si, a partir do que nos toca e nos move, como diz Larrosa (2004). Essa atenção aos modos de produção de si e do saber na atualidade tem feito com que, cada vez mais, os campos dos saberes se articulem para produzir um conhecimento que vai além das suas fronteiras disciplinares (Foucault, 2013).

Considerando alguns questionamentos sobre os conceitos filosóficos “cuidado de si” e “ecosofia”, desejamos pensar numa outra formação que esteja atenta ao sensível e ao mundo em que habitamos: estaria o conceito de “ecosofia” próximo ao que Foucault chama de “cuidado de si”? Como? Seria possível uma aproximação entre esses dois conceitos, de modo que atentem para uma outra formação de professores?

Tratar esses conceitos na formação de professores poderia produzir novas articulações e problematizações. Mas qual seria a relevância dessas articulações? Pensar a formação de professores a partir da “ecosofia” e do “cuidado de si” pode oferecer ao campo das ciências da educação modos de problematizar e pensar sobre este conjunto complexo de mudanças que estamos vivendo na atualidade. Esse é o objetivo deste artigo, embora saibamos que não é uma formação que pode ser pensada como uma regra, um modo exclusivo de ser professor, nem considera a possibilidade de uma macropolítica. A formação tratada é para alguns professores que desejam uma transformação.

O texto se apoia na urgência de investigar processos de formação docente que se ocupem dos modos de subjetivação e da construção de uma ética, em um mundo cada vez mais dinâmico e individual. Assim, esta investigação também se justifica na medida em que contribui para pensar na formação docente empenhada em atualizar um outro modo de ser professor comprometido com seu tempo. Dessa forma, é um convite para que alguns professores repensem sobre a sua formação através desses dois conceitos da filosofia contemporânea.

A seguir, nossa empreitada acontece através do desenvolvimento desses dois conceitos e, posteriormente, traçamos os pontos que nos interessam para pensarmos numa outra formação de professores.

O cuidado de si

Michel Foucault, ao longo de suas obras e no seu percurso cartográfico, foi movido por alguns questionamentos que foram transformando suas produções. Nos seus estudos, uma questão atual lhe provocava: "como nos tornamos o que somos?". Com isso, ele buscou



perceber como os sujeitos foram se constituindo ao longo do processo histórico. Em seus últimos estudos, esse período foi de mil anos. De antemão, é possível vislumbrar o quão longo foi esse percurso que o filósofo mergulhou para pensar sobre essa produção dos sujeitos. Inicialmente, ele estudou o sujeito moderno e suas relações através do saber e do poder. Alguns estudiosos dividem a obra de Foucault em três eixos: o saber, o poder e o si. Nessa última fase de seus estudos, Foucault foi buscar na Antiguidade Greco-Romana questões que foram proporcionando entender o processo de produção de si mesmo. Essa vontade de saber fez Foucault descobrir os impasses no qual o próprio poder nos coloca, tanto em nossa vida quanto em nosso pensamento (Deleuze, 2005, p.103). Importante salientar que todas as pesquisas de Michel Foucault buscaram compreender o processo de formação de seu principal objeto de estudo: o sujeito moderno.

Aqui, nos interessa resgatar algumas ideias do terceiro eixo: o “si”. Segundo Deleuze (2005), na obra “Foucault,” o terceiro eixo, distinto dos demais, atuava ao mesmo tempo que os outros eixos. Seria uma verdadeira afirmação de vida, estabelecida através de práticas que possibilitassem um retorno a si, um olhar para si mesmo. Esse retorno a si através de práticas austeras seria, na Antiguidade Greco-Romana, então, o “cuidado de si”. Para Deleuze

seria como um novo eixo, distinto ao mesmo tempo do eixo do saber e o do poder. Eixo no qual se conquista uma serenidade? Uma verdadeira afirmação de vida? Em todo o caso, não é um eixo que anula os outros, mas um eixo que já atuava ao mesmo tempo que os outros e os impedia de ficarem presos num impasse (Deleuze, 2005, p.103).

Pode-se dizer que nesse terceiro eixo foi possível criar outros modos de ver a vida, essa seria a preocupação dos sujeitos daquela época que meditavam, escreviam sobre o que lhe passavam, conversavam com os filósofos para entender a vida, além de outras práticas mais severas como exercícios físicos austeros e alguns dias de jejum. Para Foucault (2004, p. 225), “não há outro ponto, de resistência ao poder político, senão na relação de si para consigo”. Através dessa relação é que podemos entender o conceito de “cuidado de si”.

Diz Foucault que o “cuidado de si” se desenvolveu através de “práticas de si”. São exercícios que podem auxiliar na construção de uma ética como uma estética da existência. Se atualizarmos essa ideia para nossos dias, podemos dizer que seria desenvolver um olhar atento ao que afeta o indivíduo e que faz vibrar seu corpo, potencializando ou obstruindo os modos de



agir, sentir e pensar. Pensando na formação de professores, sabemos que a questão do tempo se sobressai na atualidade. Quando um professor medita sobre o seu fazer e seu cotidiano? Quando escrevemos e criamos um pensamento sobre o que nos passa? Essas questões fazem parte das “práticas de si” da Antiguidade.

Foucault (2003, p. 265) diz que as “práticas de si” eram um fenômeno bastante importante nas sociedades greco-romanas. Ao estudar essas sociedades, o filósofo francês diz que, através das técnicas de si, os indivíduos se permitiam pensar sobre as questões da vida de outro jeito, desenvolvendo uma ética como uma prática de si.

O conceito de "cuidado de si" foi desenvolvido em três momentos da antiguidade, um período que acolhe mil anos de história: no modelo socrático-platônico, no momento da cultura helenística e o terceiro modelo que se deu a partir do cristianismo.

Para entender esse processo, o filósofo buscou estudar como essas práticas austeras aconteciam. A primeira formulação teórica e sistemática do “cuidado de si” é encontrada na obra chamada *Alcibíades* (Foucault, 2004, p.221), assim como em outras literaturas gregas, helenísticas e romanas.

Nesse período socrático-platônico, Foucault (2004, p.223) vai buscar entender a arte de algumas atividades da época que se dividiam em curar, dirigir os outros e governar a si mesmo. Para os gregos era preciso saber, antes de tudo, governar a si mesmo para então poder governar os outros e esse processo exigia técnicas. Voltar-se para si fazia parte do processo da arte de governar. Segundo Deleuze (2005, p.113), ao discorrer sobre os estudos de Foucault, foram os gregos que “inventaram o sujeito, mas como uma derivada, como um produto de uma subjetivação”.

Esses textos da Antiguidade convidam a uma prática de si e da verdade em que está em jogo a liberação do sujeito mais que seu aprisionamento em uma camisa de força da verdade que, pretendendo-se toda espiritual, nem por isso era menos total. (2005, p.460)

Já no modelo cristão, Foucault encontra o "cuidado de si" ligado à moral cristã, que se dava a partir de uma renúncia a si, renúncia do corpo, que permite aos indivíduos aceder à outra vida, à luz, à verdade e à salvação. Nessa época, as técnicas de si praticadas nas sociedades greco-romanas perderam sua importância ao serem integradas ao cristianismo através do



exercício pastoral. Aqui predominava a exegese como uma prática que servia para dissipar as ilusões, as tentações e as seduções dos sujeitos (Foucault, 2004).

Esses dois modelos destacados acima recobriram um outro, cuja natureza o filósofo se interessou em destacar nos seus estudos sobre o “cuidado de si”. Esse terceiro modelo, o qual é chamado de helenístico, está centrado no tema “converter-se a si” que gira em torno da autofinalização da relação a si. Segundo Foucault

O terceiro esquema é precisamente aquele que foi posto em prática e desenvolveu-se no decurso dos últimos séculos da era antiga e dos primeiros séculos da nossa era. Sua forma nem é a reminiscência nem a exegese. Diferentemente do modelo platônico, ele não identifica cuidado de si e conhecimento de si nem absorve o cuidado de si no conhecimento de si. Ao contrário, rende a acentuar e privilegiar o cuidado de si, a preservar-lhe pelo menos a autonomia em relação ao conhecimento de si, cujo lugar, como veremos, é afinal limitado e restrito. Em segundo lugar, diferentemente do modelo cristão, o modelo helenístico não tende, absolutamente, à exegese de si nem à renúncia a si, mas ao contrário a constituir o eu como objetivo a alcançar (2004, p.230).

Seguindo essa vertente, o “cuidar de si” não está relacionado à sua forma imperativa tampouco se manifesta como um determinado momento da vida com a intenção de proteção e vigília em relação a comportamentos e decisões em uma sociedade, muito menos no período em que se chega à fase adulta da vida. O “cuidado de si”, além de se dar por práticas de si, se refere a “uma regra coextensiva à vida” (Foucault, 2004, p.221). O filósofo nos diz que “é o ser inteiro do sujeito que, ao longo de toda a sua existência, deve cuidar de si e de si enquanto tal” (Foucault, 2004, p.221).

O “cuidado de si” remete à ideia de um movimento real do sujeito em relação a si mesmo.

Não se trata simplesmente, como na ideia, por assim dizer, “nua” do cuidado de si, de prestar atenção a si mesmo, de dirigir o olhar a si ou de permanecer acordado e vigilante em relação a si mesmo. Trata-se, realmente, de um deslocamento, um certo deslocamento – sobre cuja natureza precisaremos interrogar – do sujeito em relação a si mesmo (Foucault, 2004, p.222).

Assim, nesse modelo helenístico, o que se desenvolveu foi uma arte de si, centrada em torno da autofinalização da relação a si, da conversão a si, o qual foi um lugar de formação de



uma ética. Essa ética, diferente da moral que é instituída, não renuncia ao corpo, muito ao contrário, desenvolve um modo de ser através de uma estética da existência (Foucault, 2004).

Atualizando o conceito para a formação, talvez possamos pensar na ideia de desenvolver práticas de liberdade, mesmo que seja por breves momentos. É dessa forma que implicaria na formação de professores dispostos a exercitarem essas tais práticas como modos de entender o mundo e de fazer escolhas. Seria uma formação que se daria a partir de uma prática como um processo de subjetivação.

Ecosofia: as três ecologias

Félix Guattari criou uma articulação entre três ecologias: a do meio ambiente, a social e a mental. Ele chamou essa articulação de “ecosofia” (Guattari, 2012a), que é a interação entre os saberes desses três registros ecológicos. Esse conceito dá atenção aos modos como os indivíduos interagem entre si, com o meio físico, com a sociedade e consigo mesmo. Sabe-se que o conceito de ecosofia é desenvolvido em muitas pesquisas, mas, na maioria delas, só atenta para as questões da problemática ambiental, ou seja, só dá conta dos aspectos físicos do ambiente em que vivemos e dos ecossistemas que compõem nosso mundo. Estudando as obras de Félix Guattari e Gilles Deleuze, sabemos que os autores fazem uma crítica ao pensamento cartesiano. Eles privilegiam o pensamento rizomático, um pensamento múltiplo que pensa o mundo por muitos vieses. Por isso, seria desprezar o entendimento de Guattari se pensarmos a “ecosofia” somente relacionada às questões do ambiente físico. Nessa crise em que vivemos não bastaria atentarmos apenas para as questões do meio ambiente. Indo ao encontro do pensamento de Guattari, Michel Serres (2017)³, outro filósofo contemporâneo, em seus estudos, ao tratar da crise que se alastra sobre nosso planeta, diz que é preciso inventar o novo. Segundo Serres, vivemos numa época em que a população mundial cresceu de forma a esgotar os recursos naturais, assim, é necessário repensar nossas práticas e dinâmicas culturais, sociais e políticas. É preciso pensar com a “ecosofia”.

Através desse conceito, pode-se pensar numa formação não representativa e que vai além do espaço escolar. Estamos sempre nos formando, nos transformando através das forças

³SERRES, Michel. Tempo de crise. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2017.



que emanamos e que recebemos do mundo. Estamos sempre nos subjetivando em uma produção com a vida. Não podemos nos restringir a uma formação apenas acadêmica. A “ecosofia” busca novos modos de vida: de sentir, de pensar e de atuar em casa, no meio social e no meio natural, e, porque não dizer, de uma nova maneira de viver consigo mesmo, como uma “prática de si”.

Félix Guattari traz a problemática ambiental, social e dos processos de subjetivação para repensarmos nossas vidas. O autor alerta sobre os modos de vida na contemporaneidade. Sabemos que a velocidade nas mudanças tecnológicas, os excessos de informações a que estamos diariamente submetidos, as dificuldades nas relações humanas, bem como as degradações ambientais e nas produções de subjetividade, na maioria das vezes, causam medo, solidão e insegurança (Guattari, 2012a).

Importante atentar que a provocação que se faz a partir da “ecosofia” não direciona uma resolução das problemáticas ecológicas, como já foi dito anteriormente, pontualmente pelo viés físico. O alerta vai ao encontro de outros registros também enunciados como ecológicos:

Se não houver tal retomada ecosófica (seja qual for o nome que se lhe dê), se não houver uma rearticulação dos três registros fundamentais da ecologia, podemos infelizmente pressagiar a escala de todos os perigos: os do racismo, do fanatismo religioso, dos cismas nacionalitários caindo em fechamentos reacionários, os da exploração do trabalho das crianças, da opressão das mulheres, [...] (Guattari, 2012a, p.16-17).

Reconhecer a articulação entre os saberes da vida torna-se uma possibilidade de buscar novos modos de nos relacionarmos com o meio onde vivemos, com os outros indivíduos e conosco. Diz respeito a um olhar para si, pensar a vida, criar e inventar novas formas de ver o mundo através de práticas efetivas de experimentação. Essas experimentações acolhem o pensamento de Jorge Larrosa, conforme foi apresentado no início do texto. São exercidas através do que nos passa, do que nos desacomoda e tem a ver com a criação de uma ética, de uma escolha por um novo modo de vida.

Para Guattari, a sociologia, as ciências econômicas, políticas e jurídicas parecem, nesse estado atual de coisas, insuficientemente armadas para dar conta dessas problemáticas. Assim, como a própria psicanálise, criticada pelo filósofo francês, enfrenta esses problemas reduzindo os fatos sociais a mecanismos psicológicos (Guattari, 2012b).



Guattari pensa os desafios de nosso tempo através de uma multiplicidade de fatores e de suas interdependências, para tanto, o conceito de ecosofia incorporado em nossas vidas faz sentido. Como diz o autor

Chamo de ecosofia tal ligação da ecologia ambiental, da ecologia científica, da ecologia econômica, da ecologia urbana e das ecologias sociais e mentais, não para abranger todas essas abordagens ecológicas heterogêneas em uma mesma ideologia totalizante ou totalitária, mas para sinalizar pelo contrário, a perspectiva de uma eleição ético-política da diversidade, a dissidência criadora, a responsabilidade sobre a diferença e da alteridade. (Guattari, 2015, p.31) [tradução nossa].

Guattari traz em seu discurso a necessidade de pensarmos em práticas acolhedoras da diferença e da alteridade. Num mundo em que ainda enfrentamos o desrespeito pelo diferente, em que ainda assistimos atitudes homofóbicas e racistas, é mais do que urgente atentarmos para uma formação de professores que dê conta dessas relações. Atualmente, a vida se apresenta de modo efêmero e num contínuo processo de transformação, isso exige uma atenção e uma busca de uma retomada “ecosófica”, proposta por Guattari. O autor não se refere diretamente e somente aos problemas ambientais como a poluição atmosférica, o aquecimento global ou a extinção de espécies. A retomada ecosófica vai além. Refere-se também às devastações ecológicas relativas ao campo social e ao domínio mental, conectadas entre si. Nesse contexto, Guattari (2012a) defende que

Não haverá verdadeira resposta à crise ecológica a não ser em escala planetária e com condição que se opere uma autêntica revolução política, social e cultural reorientando os objetivos da produção de bens materiais e imateriais. Essa revolução deverá concernir, portanto, não só às relações de forças visíveis em grande escala, mas também aos domínios moleculares de sensibilidade, de inteligência e de desejo. (Guattari, 2012a, p.09)

O filósofo francês critica as práticas arcaicas de modos de transmissão e produção de conhecimentos, que permanecem no campo da representação e repetição. A “ecosofia” atenta para o pensamento múltiplo, problematizando as diferentes conexões que se dão no cosmos, na busca de possíveis rupturas nos modos dominantes característicos da modernidade. Poucos se lançam para o novo, para a renovação de novos modos de pensar e agir na vida. Para Guattari



“uma 'nova doçura', uma nova escuta do outro em sua diferença e sua singularidade estão, também aqui, por se inventar.” (Guattari, 2015, p.44) [tradução nossa].

Magnavita (2012, p.16) levanta a questão de que a “ecosofia” não é apenas uma filosofia da ecologia, como o termo designa, “mas uma postura ativista e política que objetiva agir no mundo, mais do que simplesmente pensá-lo”. Essa postura tem a ver com a ética, com uma escolha, contra o desperdício e o consumismo, por exemplo. É também uma atitude política que vai além do nosso próprio benefício, atenta-se, no entanto, para a sociedade como um todo, preservando nosso ambiente, preservando a vida em todas as instâncias. Buscar essa sabedoria estando à espreita aos movimentos da vida contemporânea talvez seja um caminho.

Para Guattari (2012a), as relações sociais também estão em degradação,

O princípio particular à ecologia social diz respeito à promoção de um investimento afetivo e pragmático em grupos humanos de diversos tamanhos. Esse “Eros de grupo” não se apresenta como uma quantidade abstrata, mas corresponde a uma reconversão qualitativamente específica da subjetividade primária, da alçada da ecologia mental. (Guattari, 2012a, p.45)

Ainda em relação à ecologia social, Guattari, nas obras *Caosmose* e *As três ecologias*, propõe como ponto pragmático primordial, problematizar as sociedades capitalistas da era da mídia de massa. São muitas as situações na contemporaneidade em que os indivíduos encontram-se isolados uns dos outros: nas escolas, nas famílias, no trabalho. Essa sensação de solidão, Guattari trata na ecosofia social com a intenção de desenvolver práticas específicas para modificar e reinventar essas relações de “ser em grupo”.

As mídias de massa, as publicidades, hoje, são importantes meios de produção de subjetividade coletiva. Para Guattari (2012a), o sistema do Capitalismo Mundial Integrado (CMI) tende a descentralizar seu foco das estruturas de produção de bens e de serviços para estruturas produtoras de subjetividade. Esse meio contribui, significativamente, para a captura dos sujeitos e suas atitudes, o que envolve diretamente o consumismo. Garré e Henning (2014), seguindo as ideias foucaultianas, entendem que nossas escolhas não são totalmente livres, mas são governadas, direcionadas e reguladas pela grande máquina do CMI. Assim, “somos sujeitos produzidos por um emaranhado de múltiplas relações, interferências e acontecimentos que direcionam nosso modo de ser, de pensar, de escolher e de ‘sermos livres’” (p. 428). Para Guattari (2012b),



As transformações tecnológicas nos obrigam a considerar simultaneamente uma tendência à homogeneização universalizante e reducionista da subjetividade e uma tendência heterogenética, quer dizer, um reforço da heterogeneidade e da singularização de seus componentes. (p.46)

A ecosofia mental propõe-se a reinventar a relação do sujeito com o seu corpo, com a sua vida e com a sua morte. Através dessa reinvenção, se criariam antídotos para combater a produção midiática de opiniões e padronização de comportamentos. Guattari (2012a) fala de uma recomposição das práticas sociais e individuais que se agrupa na conexão entre as três ecologias – mental, social e ambiental – sob a égide ético-estética de uma ecosofia:

As relações da humanidade com o *socius*, com a psique e com a ‘natureza’ tendem, com efeito, a se deteriorar cada vez mais, não só em razão de nocividades e poluições objetivas, mas também pela existência de foto de um desconhecimento e de uma passividade fatalista dos indivíduos e dos poderes com relação a essas questões consideradas em conjunto. (p.23)

Convém ficar atento a essa articulação. Pensar com a ecosofia é acolher um pensamento múltiplo sem dar juízo de valor, mas de se colocar junto, a esse fluxo de forças.

Para Guattari (2012a), os avanços tecnocientíficos têm potência para mudar a realidade de alguns problemas ecológicos e buscar um reequilíbrio, porém a laminagem das subjetividades torna-se uma barreira. Muitas lutas já foram vistas, lutas feministas e sindicais, porém de uma forma ou de outra o capitalismo e a mídia apropriam-se desses discursos e lançam produtos no mercado para desenvolver e promover uma determinada ecologia. Quem já viu camisetas com slogans “salve o planeta” ou afins? Parece-nos que o sistema capitalista faz gerar dinheiro e torna moda os discursos desse tipo. Dessa forma diminui a força dos movimentos sociais e passa-se a usar determinada “marca” com fins econômicos e não de conscientização. Essa é a estratégia do CMI. Por isso, devemos estar atentos ao mundo em que vivemos, repensar os grupos em que estamos inseridos, bem como criar micropolíticas em nossas formas de pensar que questionem esse robusto sistema. Pensamos que na articulação das três ecologias é possível reinventar nossas atitudes e não simplesmente aceitar o mundo da forma que ele é. Guattari diz que



Não é justo separar a ação sobre a psique daquela sobre o socius e o ambiente. A recusa a olhar de frente as degradações desses três domínios, tal como isso é alimentado pela mídia, confina num empreendimento de infantilização da opinião e de neutralização destrutiva da democracia. Para se desintoxicar do discurso sedativo que as televisões em particular destilam, conviria, daqui para frente, aprender o mundo através dos três vasos comunicantes que constituem nossos três pontos de vista ecológicos. (2012a, p.24)

Esses caminhos talvez possam criar fissuras na produção de subjetivação capitalística, usando o termo de Guattari, pois seria uma maneira de recusar esses modos de encodificação preestabelecidos. Nem que seja por um breve momento ao desenvolver e experimentar modos de sensibilidade, modos de relação com o outro e modos de criatividade que produzam uma subjetividade singular. Para Guattari e Rolnik (2010),

Uma singularização existencial que coincida com um desejo, com um gosto de viver, com uma vontade de construir o mundo no qual nos encontramos, com a instauração de dispositivos para mudar os tipos de sociedade, os tipos de valores que não são os nossos (p.22).

Os autores (2010, p.54) dizem que “não é somente uma resistência contra esse processo geral de serialização da subjetividade, mas também a tentativa de produzir outros modos de subjetivações originais e singulares, processos de singularização subjetiva”. Ou seja, processos de pensar a própria vida, a relação com as pessoas e com o cosmos. Com essa ideia, pensamos que a “ecosofia” e o “cuidado de si” seriam forças que nos ajudam a pensar sobre a vida e, quem sabe, poderíamos transformá-la. Seria essa formação em que estamos interessadas.

Após desenvolver os conceitos de “cuidado de si” e de “ecosofia”, vamos nos dedicar a escrever algumas aproximações possíveis entre eles e como afetariam na formação de docentes que buscam uma outra forma de atuar na sala de aula e na vida.

Aproximações possíveis: pensando numa formação de professores

A formação de professores nos moldes comuns está geralmente relacionada à educação formal, em geral, preocupada basicamente com o rendimento acadêmico e com estratégias de ensino-aprendizagem visando, quantitativamente, a uma melhora nesse processo. O que geralmente importa é dar conta de uma composição final de uma identidade mais ou menos determinada, padronizada. Esse tipo de formação, que prepara professores para uma educação



“recipiente”, como nos atenta Guattari, está fixada a uma ideia de produção de conhecimento científico, não levando em conta outros processos imersos na formação e interação entre os indivíduos.

Como já dissemos no início deste texto, Larrosa nos traz uma outra ideia de formação, a qual problematiza os modos de vida atuais. Uma formação que está atenta às experiências de cada um. Ele defende ser possível um outro tipo de formação, diferente da linear e cumulativa dos moldes tradicionais. Jorge Larrosa (2012), em seus escritos, diz que a formação deve tomar outros caminhos. Ele propõe pensar a formação sem ter uma ideia prescritiva de seu desenvolvimento, com a ausência de regras e normas para a sua realização. Defende, ainda, ser possível a busca de algo novo para esse espaço tensionado na educação dominante. A noção de formação passa a ser tratada como produção de modos de ser e saber. Talvez seu desejo esteja mais para uma pedagogia que atente ao sensível que nos compõe.

O mundo é constituído de forças, mas estamos acostumados a pensar nossas percepções somente através do conhecimento científico. Mas as forças constituem ações em nossos corpos. Estar atento a essas afecções, forças do mundo, é um exercício demasiadamente difícil, pois aprendemos a pensar somente através da razão. E é assim que vemos a nossa formação, a partir de regras e diplomas. Quando trazemos um outro modo de indagarmos nossas transformações é preciso um desapego das formas codificantes.

Pensando na formação de professores para além das práticas formais, talvez seja possível pensar numa formação que esteja relacionada às problematizações a partir de uma atenção à vida em processo, em construção e que se produz o tempo todo. Uma formação que também tenha a ver com invenção, criação, experimentação e com os modos de vida atuais. Cabe salientar que, para Gilles Deleuze e Félix Guattari, pensar é criação, invenção (Deleuze, Guattari, 1992). Uma possibilidade, para pensar essa formação que acolhe as multiplicidades e atenta à vida, talvez seja através da aproximação de conceitos filosóficos que se tencionam e nos fazem pensar: a “ecosofia” de Félix Guattari e o “cuidado de si” de Michel Foucault, os quais propõem traçar uma reflexão sobre a vida, incluindo esse conjunto complexo de mudanças que estamos vivendo na atualidade. Estes conceitos, através de seus vetores de forças, afetam nossos processos de subjetivação, ajudam na construção de uma ética em um mundo cada vez mais dinâmico e individual. Talvez essa aproximação atente para uma formação de professores mais integral no sentido da sua amplitude.



A “ecosofia” busca novos modos de viver, de sentir, de pensar e de atuar nos mais variados ambientes de interação, sejam eles a própria casa, a rua ou o espaço escolar, ou seja, no meio social, no meio ambiente e na própria maneira de viver consigo mesmo. Nessa articulação permanente entre os três registros ecológicos propostos por Guattari, é possível problematizar um modo de viver hoje, comprometido com o seu tempo, e não apenas se sujeitar a todas as formas instituídas em que vivemos. Talvez nos permita questionar nossas relações com nossos alunos, nossos amigos, nossa família. As relações das ecologias ambiental, social e mental, nesse sentido tem a ver com uma prática de si que os indivíduos buscam, através de suas reflexões, para si mesmo. Talvez consigamos criar um estilo de vida, já que envolve uma estética da existência. Nesse processo de atenção à vida de forma ecosófica, há também questões éticas, atreladas às escolhas, e políticas, que são as atitudes diante da vida. Essa tríade, ética-política-estética, que compõe as três ecologias propostas por Guattari, se aproxima das práticas de si, como ensina Foucault.

Guattari e Foucault nos falam sobre uma ética, atrelada a uma escolha de modo de vida, que está sempre em processo, em via de se fazer-se, afetando e transformando nossas vidas. Nessa perspectiva é possível pensar numa formação que acolha essa multiplicidade de correlações e coloque em jogo as formas de ver e saber imbricadas nos modelos tradicionais.

Talvez a criação de subjetividades singulares, através das experimentações, seja uma saída. Mas precisamos estar atentos, pois não é uma macropolítica, não vamos resolver os problemas que vivenciamos na contemporaneidade, nem desejamos uma formação utópica de professores. O que interessa é abrir algumas frestas nos modos de produção dominantes. Para Guattari (2012a, p.34), “a subjetividade capitalística se esforça por gerar um mundo da infância, do amor, da arte, bem como tudo o que é da ordem da angústia, da loucura, da dor, da morte, do sentimento de estar perdido no cosmos.” Assim, “não somente as espécies desaparecem, mas também as palavras, as frases, os gestos de solidariedade humana” (Guattari, 2012a, p.27).

Novas práticas sociais, novas práticas estéticas, novas práticas de si em relação com o outro, com o estrangeiro, com o estranho: todo um programa que parecerá bem distante das urgências do momento! E, no entanto, é exatamente na articulação: da subjetividade em estado nascente, do *socius* em estado mutante, do meio ambiente no ponto em que pode ser reinventado, que estará em jogo a saída das crises maiores de nossa época. (Guattari, 2012a, p.55)



Pensar sobre a maneira que se quer viver daqui para frente torna-se uma prática de liberdade, em que é possível reconstituir uma ética de si. Uma ética que se reporta a uma escolha de vida. O conceito foucaultiano de “cuidado de si” também se promove por práticas. Está articulado à proposta de pensar de outras formas a nossa relação com o mundo, com a natureza, de sentir-se parte do cosmos, de nos sentirmos não possuidores e dominadores desse ambiente, mas, sim, parte desse emaranhado de composições que envolve a vida.

Uma formação preocupada com a busca de um outro modo de vida, de um novo estilo que se coloca no fluxo de forças que nos abatem. Os professores que se sentirem motivados a essa formação/transformação, não como meros expectadores e sim partícipes do processo, provavelmente estarão mais atentos à escola, bem como ao mundo.

A formação que oferecemos nesse texto escapa dos modelos mais tradicionais. Mesmo sabendo que ela também está junto a todos esses modelos. Por exemplo, um professor de literatura sabe os seus compromissos em desenvolver seus conteúdos, mas também sabe o que se passa no mundo, em seu bairro e em sua escola. Esse mesmo professor questiona-se com o que lhe afeta diariamente e cria um modo de ser que escapa do sistema neoliberal em que vive. Ao mesmo tempo, é capaz de estabelecer uma crítica a todos os problemas que estamos passando e também a si mesmo. Essa formação abre-se ao nosso cotidiano e aos modos de vida que nos constitui. Insinua uma composição múltipla através do “cuidado de si” e da “ecosofia”. Esses dois conceitos nos fazem pensar em relação às nossas vidas, que não estão separadas da escola, nem do mundo. Visam à criação de um pensamento a partir dos modos de vida, das formas de saber, das formas de ser professor a partir dos acontecimentos e experiências que nos acontecem. Essa seria a formação que estamos propondo, uma formação que atenta à ecosofia e às práticas de si. É um jeito de disposição mais irreverente, mas não menos sério, de ser professor.

Referências

DELEUZE, Gilles. **Foucault**. Tradução Claudia Sant’Anna Martins; Revisão da tradução Renato Ribeiro. São Paulo: Editora Brasiliense, 2005.



DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é a filosofia?** Tradução Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. São Paulo: Editora 34, 1992.

FOUCAULT, Michel. **A Hermenêutica do Sujeito**. 1ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

FOUCAULT, Michel. **Ditos e Escritos V: Ética, Sexualidade, Política**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 2003.

FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir**. Trad. Raquel Ramallete. 27. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

GARRÉ, Bárbara Hees; HENNING, Paula Corrêa. Modos de atualizar o enunciado catastrófico do Planeta Terra na revista *Veja*. **ETD – Educação Temática Digital**, Campinas, SP, v.16, n.3, p.426-439, set./dez. 2014. ISSN 1676-2592. Disponível em: <<http://www.fe.unicamp.br/revistas/ged/etd/article/view/6792>>. Acesso em: 10 julho 2016.

GUATTARI, Félix. **As três ecologias**. Tradução Maria Cristina F. Bittencourt; Revisão da tradução Suely Rolnik. 21ª edição. Campinas, São Paulo: Papirus, 2012a.

GUATTARI, Félix. **Caosmose: um novo paradigma estético**. 2ª ed. São Paulo: Editora 34, 2012b.

GUATTARI, Félix. **¿Qué es la ecosofia?:** textos presentados y agenciados por Stéphane Nadaud. 1º ed. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Cactus, 2015.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolíticas: cartografias do desejo**. 12 Edição. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2013.

LARROSA, J.; Et al. **Caminhos Investigativos I: novos olhares na pesquisa em educação**/Marisa Vorraber Costa (Organizadora). 3ª Ed. Rio de Janeiro: Lamparina Editora, 2007.

MAGNAVITA, Alexey Dodsworth. **A filosofia para questões urgentes**. *Filosofia: ciência e vida*, Ano VI. Nº 72. Julho 2012.

SERRES, Michel. **Tempo de crise**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2017.